

ESTABILIZAÇÃO

Modelo mexicano agora assusta brasileiros

Desde o dia 20 de dezembro, empresários, economistas e o próprio governo tentam, assustados, entender os motivos que levaram a economia do país vizinho a um novo colapso

JÔ GALAZI

RIO — A semelhança entre os planos de estabilização do México e do Brasil, que já foi considerada muito animadora por empresários, economistas e governo brasileiros, passou a assustar no dia 20 de dezembro, quando a economia mexicana ruiu publicamente. Em função de um déficit em conta corrente de US\$ 30 bilhões, subestimado pelo governo, os mexicanos vão ter de conviver com inflação em alta, aperto no crédito, perdas salariais e menos empregos.

Tudo isso está acontecendo seis anos após o início da estabilização da economia mexicana, em um cenário em que o balanço do setor público é equilibrado, ou seja, o governo não está gastando mais do que arrecada, o Banco Central é independente, como desejam os monetaristas, e a inflação foi de cerca de 7% em 1994. Enfim, não faltaram medidas monetárias que o Brasil ainda precisa tomar para ter uma âncora que não seja tão frágil como a cambial.

Como o Brasil, o México usava sistema de bandas para o câmbio. Os dois também abriram suas economias, com conseqüente crescimento acelerado das importações, para que os produtos vindos de fora ajudem a controlar o comportamento dos preços internos e, conseqüentemente, a inflação. O resultado no México foi um déficit na balança comercial de alguns anos e que em 1994 chegou a US\$ 22,3 bilhões. Com isso, criou-se um déficit em conta corrente, não financiável, que já era de 5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1991, e agora situa-se entre 7% e 8%. O Bra-

sil, superavitário na balança comercial e nas suas transações correntes, anda perseguindo um déficit em conta corrente, embora o governo queira que ele seja pequeno (de 1,5% a 2% do PIB).

Também assusta os brasileiros verificar que o México não abriu a economia para importar quinquilharias: dos US\$ 76 bilhões importados no ano passado, cerca de US\$ 48 bilhões foram para máquinas e equipamentos para modernizar a indústria local e insumos para produção de outros bens. Os bens de consumo foram os responsáveis por apenas

US\$ 9 bilhões. As aquisições para modernização em larga escala estão ocorrendo desde 1989. O Brasil vem importando mais bens de capital e intermediários, só que há menos tempo. Portanto, em um exame superficial se poderia dizer que o México tem mais capacidade de exportar e enfrentar a concorrência de importados no mercado interno do que o Brasil, que assim seria candidato a acumular déficits comerciais e conseqüentemente em conta corrente, com maior velocidade.

As coisas, contudo, não são bem assim, diz o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Em primeiro lugar, o Brasil tem US\$ 43 bilhões em reservas cambiais e o México ficou reduzido a US\$ 6,1 bilhões. Ele está certo de que as economias mexicana e brasileira são muito diferentes, com amplas vantagens para o Brasil, que vem conseguindo elevar sua produtividade de forma importante. Ele também destaca que o crescimento da economia do México "foi pífio" desde a estabilização — em 1993, apenas 0,6% e no ano passado, 3,1%.



PARA
SIMONSEN,
ECONOMIAS
SÃO DIFERENTES

ECONOMIAS DIFERENTES

Principais indicadores das maiores economias da América latina



	México	Brasil	Argentina	Chile
PIB - crescimento %	2,3	4,5	5,5	4,9
Inflação - %	7,2	1,141	3,5	8,4
Exportações - US\$ bi	28,832 (1º sem)	43,590	15,200	11,5
Importações - US\$ bi	37,691 (1º sem)	32,100	19,425	10,895
Saldo comercial - US\$ bi	-8,859	11,490	-4,225	0,606
Saldo nas transações correntes - US\$ bi	-27,370	0,022	-12,500	-1,240
Reservas internacionais - US\$ bi	20,000	43,000	13,600	10,900
Nec. Finan. setor público - % PIB	0	0	0	0
Reservas/Déficit trans. correntes	0,73	-19,54	1,09	8,79

Fonte: Banco Central

Artur